



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos, raça/etnia, sexualidades

Sub-eixo: Relações Patriarcais de classe, gênero e raça

A VOLTA PARA CASA:

reflexões sobre as tensões vividas por mulheres universitárias durante a pandemia da COVID-19.

CAROLINE PEREIRA OLIVEIRA ¹
MARIA LUÍSA GOMES PENHA ¹

RESUMO

O presente texto tem como objetivo descrever os impactos psicossociais da COVID-19 e do ensino remoto emergencial às mulheres estudantes universitárias. Sabe-se que a pandemia do novo coronavírus em contexto patriarcal-racista-capitalista, provocou o aumento de sofrimentos psíquicos às mulheres estudantes da pós-graduação, quando impulsionadas ao ensino remoto emergencial. Desse modo, é preciso pontuar que esse período possibilitou alterações nas relações sociais e humanas. Assim, evidencia-se uma pandemia secundária às mulheres estudantes universitárias, em que se acentua a desigual divisão sociosexual e racial do trabalho, embaralhando tempo de trabalho e de vida.

Palavras-chave: Saúde mental; Estudantes; Mulheres; Ensino Remoto Emergencial; Pandemia da COVID-19.

ABSTRACT

This text aims to describe the psychosocial impacts of COVID-19 and emergency remote teaching for women university students. It is known that the pandemic of the new coronavirus in a patriarchal, racist and capitalist context, caused the increase in psychic suffering to women graduate students, when driven to emergency remote

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade De Brasília

teaching. Thus, it is necessary to point out that this period allowed changes in social and human relations. Thus, there is evidence of a pandemic secondary to women university students, in which the unequal social, sexual and racial division is accentuated, shuffling working time and life.

Keywords: Mental health; Students; Women; Emergency Remote Teaching; COVID-19 pandemic.

1. INTRODUÇÃO

Em dezembro de 2019, o novo coronavírus (SARS-COV-2) foi identificado em Wuhan, China. A doença COVID-19 se espalhou de forma descontrolada por diferentes regiões do planeta, sendo declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como pandemia em março de 2020. Diante desse contexto, foi necessário adotar medidas tenazes para frear a propagação deste vírus, dentre elas a implementação do isolamento social² (KIRÁLY et al, 2020).

De maneira concisa, o isolamento social foi uma medida de segurança recomendada e adotada entre os países, em que se sugeria a permanência dos sujeitos em domicílio para reduzir a circulação do vírus e por consequência o número de infecções e mortes. Nesta proposta há uma limitação do denominado movimento livre por parte da população; o fechamento dos espaços de convivência familiar e comunitária, tais como, comércios, centros religiosos, universidades, escolas, entre outros (KIRÁLY et al, 2020). Além disso, são percebidas mudanças rigorosas das interações sociais mínimas e cotidianas (ZIZEK, 2020).

Fique em casa, foi uma campanha de conscientização ventilada no Brasil e ao redor do mundo, com o objetivo de diminuir o número de infecções e mortes. Porém, conforme Matta et al (2021), nem todos puderam experimentar o trabalho remoto e, ou, mesmo a proteção de seus domicílios. Autores evidenciam o terreno de contradições e a opinião contrária ao movimento em prol do isolamento social, discurso esse muitas vezes cooptado pelos interesses do mercado, porém, disfarçados por uma preocupação real com a vida das pessoas no momento de pandemia. Portanto, no trecho a seguir Matta et al (2021, P. 64, *grifos nossos*) posiciona que a prevenção na pandemia “abandonou” as populações em situações de vulnerabilidades.

“[...] a prevenção de uma pandemia *abandonam as populações que vivem mais*

2O uso do termo isolamento social ao invés de distanciamento social está pautado em uma compreensão de classe. Ao contrário do que Slavoj Zizek (2020) afirma, dizendo que a pandemia nos possibilitou estar em um mesmo barco, não é possível dizer que as desigualdades sociais foram congeladas ou eliminadas. Logo, as distâncias sociais já existiam antes da pandemia, afinal, a história de todas as sociedades é uma história da luta de classes e seus antagonismos (MINAYO et al, 2020; MARX et al, 2008).

camadas de vulnerabilidade - especialmente mulheres e meninas [...] elas enfrentam maiores riscos de viver as consequências negativas da pandemia, sejam estas adoecimento, desemprego, pobreza e morte”.

Slavoj Zizek (2020) nos alerta ainda sobre a potencialização de uma outra espécie de vírus no contexto pandêmico, o vírus ideológico. De modo paralelo à conjuntura de emergência sanitária, notícias falsas [*fake news*³] alavancaram o negacismo e a anticiência, contribuindo para a (re)produção da morbimortalidade na população.

Em notória disputa entre classes sociais, engendrou-se o discurso do animismo capitalista, alavancado pela grande mídia. Desse modo, as mudanças econômicas são evidenciadas em detrimento dos seres humanos, possuidores de sentimentos e emoções, como pode ser vislumbrado no seguinte trecho: “[...] ‘mercados ficando nervosos’ que deveriam nos preocupar, e não milhões de pessoas que morreram e os milhares que ainda não morreram. O coronavírus está perturbando cada vez mais o bom funcionamento do mercado mundial [...]” (ZIZEK, 2020, P. 46-47).

Nesse sentido, tanto a proposta de isolamento social, quanto outras medidas de prevenção e controle foram apresentadas, com o objetivo de diminuir a infecção pelo coronavírus. Um dos exemplos são as quarentenas para os casos suspeitos ou confirmados. No entanto, tais medidas passaram a ser duramente criticadas frente aos interesses econômicos do mercado (KIRÁLY et al, 2020). No Brasil, em 2021, o presidente Jair Messias Bolsonaro chacoteou - chamando-os de “idiotas” -, os brasileiros que ainda cumpriam as orientações sanitárias de isolamento social (DEUTSCHE WELLE, 2021). Quanto a isso, apresentamos o conceito de *mistanásia*, conforme Matta (2021, P. 67, *grifos nossos*):

Mistanásia, algo pouco discutido na saúde, reaparece sob alguns holofotes durante a pandemia da Covid-19. *Pode ser considerada como uma das piores formas de morte, pois envolve abandono e descaso.* Nessa morte desprovida de cuidados básicos de saúde é negado o direito a uma morte digna, violando, em última instância, o princípio da dignidade da pessoa humana. Aqui, a omissão do poder público se revela quando não há garantias de acesso a água potável e saneamento

3As mulheres trans, mulheres lésbicas e mulheres bissexuais, possuem a maior prevalência de sofrimento psíquico, bem como, transtornos mentais como depressão e ansiedade. Na conjuntura da pandemia, tais estudantes universitárias LGBTQIA + nos Estados Unidos tem duas vezes mais chances de vivenciarem a situação de rua, esta vulnerabilidade social pode ser agravada quando a rede de apoio sociofamiliar e comunitária está fragilizada, ou, com laços rompidos (ASLAM et al, 2021). Tais relatos também acontecem às estudantes de enfermagem, que possui majoritariamente mulheres, sendo também afetadas pelo sofrimento, transtornos mentais como ansiedade, depressão, estresse, insônia, entre outros (MOREIRA et al, 2020).

básico ou há iniquidades na distribuição dos serviços de saúde pública. Quando se trata de um período de pandemia como o que estamos vivenciando, a esses fatores que contribuem para a manutenção da desigualdade social que leva à morte de brasileiras e brasileiros se acrescentam, potencialmente, outros. *O fato de as vidas da população brasileira não serem reconhecidas como dignas de cuidado e proteção torna-se fator condicionante do ato de deixar morrer, principalmente aqueles mais vulnerabilizados.*

Com o intuito de incentivar o retorno às atividades, em específico às laborais, denota-se que a fragilidade da classe trabalhadora tencionava ainda mais a crise do capitalismo já instaurada no território brasileiro (CARDOSO et al, 2022).

Vale salientar que, a classe trabalhadora desempenha função elementar para a acumulação do capital. De modo que, não foram ponderados os riscos, proporcionados pelo contexto pandêmico, os quais os trabalhadores seriam expostos, posto que, em sua morte, tem-se uma disponibilidade de outros trabalhadores na superpopulação relativa, também (re)conhecida por exército industrial de reserva. Nessa compreensão, a classe trabalhadora foi forçada a escolher entre a morte pela fome, ou, pelo coronavírus. Esse contexto é favorecido pela relação de dependência do trabalho e de dominação do capital (MARX, 2015). Entrementes, não se trata de nenhuma novidade no mundo do trabalho, uma vez que, as formas de trabalho já são precarizadas, informais e com características de subemprego. Tais fatos são anteriores ao contexto pandêmico, por serem próprios do metabolismo capitalista (ANTUNES, 2020).

Além disso, é importante considerar um dado que diz respeito à realidade falseada de que o mundo privado e público não se misturam, sob a prerrogativa de que o âmbito privado atrapalha os interesses do âmbito público. Essa compreensão, certamente se intensifica quando o mundo que atrapalha o público, é do “universo das mulheres”. Em continuidade, a pandemia do novo coronavírus, introjetou, mais evidentemente, o mundo público para dentro das residências (ANTUNES, 2020).

Em virtude da dificuldade dos trabalhadores saírem de suas casas, o trabalho então dirigiu-se até eles. Vale frisar que esse processo não aconteceu para todos os trabalhadores e, ou, todas as atividades, a exemplo disso, os profissionais de saúde (equipe de enfermagem, médica, assistentes sociais, psicólogos, entre outros). Nesse sentido, muitos trabalhadores(as) tiveram que sair para trabalhar e foram

expostos ao vírus, o tempo todo (MARX, 2015; ANTUNES, 2020).

Através do *home office*, assim como, representado pelo teletrabalho, a acumulação do capital poderia [deveria] continuar a acontecer, inclusive em proporções mais intensificadas, visto que se percebeu a possibilidade de reconversão de mais-valor em capital com menos dispêndios de energia, como pode ser visto no trecho a seguir:

Pesquisas apontam que o trabalho remoto aumenta significativamente a produtividade dos colaboradores, e do ponto de vista da empresa, ocorre a redução dos custos organizacionais, como por exemplo, menor consumo de energia, água, e muitas vezes, redução das posições de trabalho dos funcionários, sendo possível diminuir o tamanho dos escritórios físicos, ou seja, é possível reduzir aluguéis ou a compra de locais mais enxutos (OKANO et al, 2020, P. 4, grifos nossos)

No entanto, essa redução de custos, que incluiu a demissão da classe trabalhadora, abre ainda mais espaço para a corrosão dos direitos do trabalho, pois, esse processo já é identificado há bastante tempo. Conforme Antunes (2020), nesse processo se acentua a desigual divisão sociossexual e racial do trabalho, assim como proporciona um embaralhamento do tempo de trabalho e de vida da classe trabalhadora (ANTUNES, 2020).

Segundo a feminista Mirla Cisne (2018), amparada na teórica feminista francófona Jules Falquet, enfatiza a impossibilidade de analisar a realidade patriarcal-racista-capitalista, bem como, a exploração do mundo do trabalho, de forma distanciada das relações sociais de sexo, raça e de classe. Essas dimensões fazem parte do dia a dia e interferem na vida das mulheres, que particularmente nos interessa neste escrito (CISNE, 2018).

Após dois anos de pandemia, novas ondas da SARS-COV-2 foram vividas por intermédio das suas variantes alfa, beta, gama, delta, ômicron, mu, lambda, que se espalharam e fizeram muitas vítimas ao redor do mundo. É fulcral para este estudo, ressaltar que, paralelamente às contaminações pelo coronavírus, mulheres, crianças e adolescentes vivem uma pandemia secundária, de ordem psicossocial e velada. Em outras palavras, durante o contexto pandêmico, se identificou oportunas falhas de proteção social, o qual provocaram um agravamento das vulnerabilidades e riscos sociais, além de incidências de múltiplas violências interpessoais e

autoprovocadas entre mulheres, adolescentes e crianças (CARDOSO et al, 2022; KIRÁLY et al, 2020).

É indiscutível a prevalência de transtornos mentais e, ou, sofrimentos psíquicos, adquiridos ou potencializados durante o advento da pandemia. Estima-se que, em 2020, a prevalência global de casos de ansiedade e depressão, aumentou em 25%. Consideramos que esta conjuntura, não se dissocia do modo de produção capitalista, porque o coronavírus expôs as fragilidades desse sistema, que também (re)produz adoecimentos (OMS, 2022).

Entretanto, destaca-se que as mulheres foram bastante acometidas no contexto pandêmico, considerando sua inserção na sociabilidade capitalista além de outros fatores.

Os dados da “Pesquisa sem Parar - o trabalho e a vida das mulheres na pandemia” apontam que “41% das mulheres que seguiram trabalhando durante a pandemia com manutenção de salários afirmaram trabalhar mais na quarentena.” (Gênero e número; SOF, 2020, p.13). Segundo Barroso e Gama, “desigualdades de gênero, bem como de raça, território, regionalidade, renda e escolaridade, são as responsáveis por colocar mulheres pobres no centro dos grupos possivelmente mais afetados pela pandemia do coronavírus;” (2020, P. 86).

Ademais, por meio da análise sob o método em Marx, ao traçarmos aproximações sucessivas às mulheres e se atentando às relações sociais de classe, raça e sexo (e, sexualidade) amparada por Cisne (2018), se faz notório que as mulheres tiveram um agravamento dos sofrimentos (OMS, 2022).

Seja pela incidência das violências veladas pela pandemia de ordem psicossocial, que se engendrou devido ao maior contato com seus ofensores em domicílio, tendo inclusive maior poder de dominação sobre a vida e tempo; seja pela sobrecarga do trabalho assalariado dentro das residências por meio do teletrabalho ou *home office*; além do trabalho do *care*, trabalho não remunerado feito majoritariamente por mulheres, sendo ainda mais tensionados (MOREIRA et al, 2020; VILLEGAS-MAESTRE, 2021).

De modo que, essas violências veladas no âmbito do trabalho alcançam o campo acadêmico, os cursos de graduação e pós-graduação, e evidenciam efeitos

gerados pela oferta dos cursos de educação superior de forma remota. Reforça-se que as discentes, em especial, precisaram conciliar inúmeras jornadas de trabalho, trabalho formal ou informal, afazeres cotidianos, cuidado com familiares, dentre outras atividades, sendo todas elas vivenciadas em um mesmo ambiente: o doméstico.

Destarte, o **objetivo** do presente escrito é descrever os impactos psicossociais da pandemia da COVID-19 às mulheres estudantes universitárias. Para tanto, foi realizado o levantamento bibliográfico em duas bases indexadas: Scielo e PUBMED, sendo feito o uso dos seguintes Descritores em Saúde (DeCS) e Operadores Booleanos: saúde mental AND estudantes AND mulheres AND pandemia da COVID-19, sem delimitação temporal, nos idiomas português, inglês e espanhol.

Na base de dados Scielo, foi identificado 01 artigo e na PUBMED encontrou-se 15 artigos. Os critérios de elegibilidade da inclusão ao presente escrito, se deu pela leitura dos resumos e títulos, visando recuperar bibliografias recentes acerca da temática. Além do levantamento bibliográfico, também nos apropriamos de bibliografias utilizadas na disciplina de Capitalismo, Trabalho e Questão Social do Programa de Pós-Graduação em Política Social da Universidade de Brasília (UnB), bibliografias que estão sendo usadas nos projetos de qualificação e referenciais clássicos da tradição marxista.

A **justificativa** do estudo se ampara na compreensão do contexto da pandemia da COVID-19, na compreensão de que o isolamento social, a partir das mudanças geradas na educação tradicional, afetou a saúde mental de mulheres estudantes. A COVID-19 gerou um cenário de incertezas, prejudicou a saúde mental das alunas, e, conseqüentemente, seu desempenho universitário. Outra motivação para o presente escrito diz respeito à importância de se pensar tal temática no curso de Serviço Social, compreendendo que tais escritoras são assistentes sociais.

Segundo o CFESS (2022), existem aproximadamente 200 mil assistentes sociais, é sabido que 92% desta categoria profissional são compostas por mulheres (cis, transexuais e travestis). Desse modo, destaca-se a diversidade e pluralidade das mulheres e a categoria profissional. Nesse sentido, estar atento à formação destas profissionais vivenciam questões relacionadas ao que será exposto no escrito, bem

como, também possuem necessidades em saúde mental adquiridas ou intensificadas durante o contexto pandêmico.

2. MULHER, UNIVERSIDADE E PANDEMIA

A universidade é tradicionalmente um ambiente que reproduz certos tipos de desigualdades. De modo histórico, pode-se destacar as dificuldades de acesso das mulheres ao ensino superior e as lutas feministas que protagonizaram essa inserção. Por outro lado, nos dias hodiernos, a pandemia da Covid-19 trouxe mais desigualdades sociais, como por exemplo, o aumento das desigualdades de gênero e de classe, as quais foram evidenciadas no Ensino Remoto Emergencial (ERE).

Conforme Dermeval Saviani e Ana Carolina Galvão (2021), as Universidades Federais brasileiras, em todas elas, constituídas em 69 unidades, foram inseridas no modelo de ensino remoto como medida excepcional em razão da conjuntura da pandemia da COVID-19, “totalizando mais de um milhão e cem mil estudantes de graduação” inseridos nessa modalidade educacional (SAVIANI; GALVÃO, 2021, P. 38).

Considerado um público em situação de vulnerabilidade durante a pandemia, os estudantes universitários foram (re)conhecidos como aqueles que vivenciaram um aumento do estresse, das dificuldades psicológicas e ideação suicida, representações de grave manifestação do sofrimento humano. Sendo que, os grupos mais afetados durante a pandemia foram as minorias raciais, étnicas e sexuais (GRATZ et al, 2021).

Com base em um estudo acerca da primeira onda do novo coronavírus, foram identificados entre os estudantes universitários um aumento da ocorrência de sintomas psiquiátricos, sendo que os mais frequentes, na devida ordem, os sintomas de ansiedade, depressão, raiva, sintomas somáticos, transtornos de personalidade, problemas de sono, pensamentos repetitivos, uso de drogas e ideação suicida. A

respeito do aumento do uso de álcool, correlacionado ao aumento de sofrimento, foi mais significativo entre as mulheres universitárias⁴, combinado ao aumento das desigualdades sociais. Considerando as questões relacionadas ao gênero feminino, entre as universitárias, em específico da área da saúde, foram percebidos os aumentos relacionados aos sofrimentos, visto que, os próprios cursos⁵ podem potencializar esse processo (DALPIAZ et al, 2021; SALERNO et al, 2021; CARDOSO, et al, 2022).

Nessa conjuntura, é preciso vincular as adversidades colocadas às mulheres universitárias ao padrão de educação dentro da lógica do capitalismo dependente. Isso repercute no avanço da contrarreforma⁶ e restrição de direitos, de modo geral, bem como no papel do patriarcado na sociedade capitalista, e na manutenção e reprodução das desigualdades de gênero. Inclusive, durante a crise pandêmica é fundamental evidenciar os elementos históricos que mostram o lugar que foi colocado ao feminino na sociedade estruturalmente e o aparato macrossocial que perpassa as contradições da realidade diante do modo de produção e reprodução social no capitalismo.

Essas contradições foram agravadas nesse contexto, e pode-se considerar esses elementos enquanto expressões da questão social⁷ que tem se reconfigurado na cena contemporânea.

José Paulo Netto (2001) afirma que,

O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a "questão social" - diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da "questão

4A título de exemplificação, a autora Laura Roberts (2021) descreve as violências sofridas durante sua graduação em medicina, momento em que teria tido sua primeira gravidez. Descreve que teria sido interpelada quando olhavam a sua barriga, lhe dizendo que ela não seria uma boa médica pelo o que a autora denominou como o papel atípico (não esperado) na medicina, atravessada pelas relações sociais de sexo (ROBERTS, 2021).

5Na perspectiva de Yamamoto (2001), a questão social é resultante das relações desenvolvidas no modo de produção capitalista e se expressa em manifestações da desigualdade social, entre elas as de gênero.

6Vale pontuar que os assistentes sociais são considerados profissionais da saúde, por atuar no âmbito da política de saúde. No entanto, também é um profissional exclusivo desta área (CFESS, 1999).

7A ABEPSS realizou pesquisa via Google Forms com as instituições de graduação e pós-graduação na área de Serviço Social a nível nacional e publicou os dados em um documento (brochura) "A Formação em Serviço Social e o Ensino Remoto Emergencial" (ABEPSS, 2021).

social"; esta não é uma sequela adjetiva ou transitória do regime do capital: sua existência e suas manifestações são indissociáveis da dinâmica específica do capital tornado potência social dominante (NETTO, 2001, P. 45).

Nesse sentido, entende-se que a questão social é produto do capitalismo e está intrinsecamente ligada a ele, não se modifica em sua essência porque a estrutura capitalista permanece a mesma; contudo, a questão social se apresenta ao longo do tempo por meio de novas expressões, resultantes do processo dinâmico do próprio modo de produção e reprodução do capital. Na perspectiva de Yamamoto (2001, P. 21),

[...] crescem as desigualdades e afirmam-se as lutas no dia a dia contra as mesmas – na sua maioria silenciadas pelos meios de comunicação – no âmbito do trabalho, do acesso a direitos e serviços no atendimento às necessidades básicas dos cidadãos, das diferenças étnico-raciais, religiosas, de gênero, etc.

Portanto, os desafios postos às mulheres universitárias durante o ensino remoto emergencial, se agravaram ainda mais sob o contexto de crise pandêmica. No presente escrito, nos propusemos a nos aproximar das dificuldades enfrentadas por mulheres universitárias. Há dois conceitos importantes que precisam de atenção: ser mulher em uma sociedade capitalista e pandêmica e ser mulher universitária nessa circunstância conjuntural. Ressalta-se esse fato nos cursos de graduação e pós-graduação no Serviço Social⁸, como uma profissão imersa nessa conjuntura, e que por meio de pesquisa⁹ da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) foi mostrado os efeitos dessa nova realidade, de modo a entender os impactos para docentes e discentes nesse período.

Segundo os resultados publicizados na brochura ABEPSS em relação à saúde mental do corpo estudantil, os dados apontam que “a percepção é que a saúde mental destes se encontram razoável (37,9%); ruim (36,8%); muito ruim (6,3%);

⁸Elaine Behring traz o contexto das Reformas do Estado, em especial da década de 90 no governo FHC, como um processo de contrarreforma do Estado, pois “implicou um profundo retrocesso social, em benefício de poucos” e dessa forma, o termo contrarreforma é utilizado para as Reformas do Estado, não as caracterizando como reformas porque “vincula-se, ainda, à recusa de caracterizar como reforma processos regressivos” (BEHRING, 2003,p.22), ou seja, a autora se recusa a denominar como reformas em virtude de seus retrocessos.

⁹De acordo com Sheila Gomes et al (2020, P. 2), “Na atual conjuntura, a circulação de discursos não é de exclusividade da mídia jornalística ou dos meios oficiais de divulgação científica. Hoje, os próprios usuários das redes sociais ‘curtem’ as mais diversas informações e compartilham-nas com os mais diversos públicos. Essa talvez fosse uma grande oportunidade de democratização da informação, entretanto esse território virtual se manifesta repleto de disputas discursivas entre o real e a ficção”.

6,3% não identificaram alterações. Consideraram boa 10,5%, muito boa e excelente 1,1%” (ABEPSS, 2021, P. 60). De modo que, parte considerável desse grupo não estava com a saúde mental em boas condições, ou seja, parte desse grupo teve algum impacto relacionado a sua saúde mental ainda que não soubesse descrever se desenvolveu algum transtorno ou doença mental.

E ainda, sabe-se também que o perfil discente desses cursos é majoritariamente feminino, prevalecendo as condições históricas da profissão. Assim, é importante considerar “o fato de que 90% das estudantes de Serviço Social no país são mulheres, das quais mais de 70% são trabalhadoras que têm dificuldades provocadas pela pandemia, tanto econômicas quanto emocionais, combinadas com as múltiplas jornadas remuneradas e domésticas” (ABEPSS, 2021, P. 5). Por isso, destaca-se a perspectiva de gênero na universidade, e na saúde mental das estudantes na compreensão dos impactos do ensino remoto emergencial.

Vale destacar que as condições das mulheres nas universidades é historicamente marcada por adversidades devido a uma construção social que marca a diferença educacional entre homens e mulheres, pois “as diferenças nos níveis educacionais não decorrem de características biológicas, mas sim das condições históricas e estruturais da confirmação de cada sociedade” (BELTRÃO; ALVES, 2009, p.126).

Todavia, em relação a saúde mental, a crise pandêmica agravou ainda mais as condições das estudantes, pois “as crises, sejam elas humanitárias, econômicas ou sanitárias, muitas vezes agregadas e sobrepostas, quer estruturais, quer conjunturais, costumam ter as mulheres como aquelas que sentem mais rápida, profunda e prolongadamente seus efeitos.” (BARROSO E GAMA, 2020, p.84).

Desse modo, entende-se que a questão pandêmica para além de efeitos devastadores na sociedade como um todo, foi responsável também por intensificar desigualdades de gênero que já existiam estruturalmente nessa sociabilidade.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, a pandemia do novo coronavírus em contexto patriarcal-racista-capitalista, provocou o aumento de sofrimentos psíquicos às estudantes da pós-graduação. Ressalta-se que esses sofrimentos não estão desvinculados do aspecto histórico e estrutural que as mulheres tiveram durante sua inserção nas universidades ao longo das últimas décadas. Entretanto, as condições de desigualdade e prejuízos à saúde mental foram agravados com o Ensino Remoto Emergencial. Nesse sentido, as universidades precisam estar a par dessa realidade que atinge as estudantes universitárias, bem como as discentes universitárias, principalmente quando o retorno total das atividades se evidencia (WOOLSTON, 2020).

O autor Chris Woolston (2020) delinea alguns pontos a serem observados pelas universidades no processo de retomada das atividades: 1) Não negar as situações de crise, reconhecer que muitos estudantes estão com dificuldades na pandemia; 2) A saúde mental deve ser abordada durante as aulas; 3) Oferecer oficinas para redução do estresse a fim de prevenir o adoecimento e promover saúde mental; 4) A universidade deve ser transparente de como a instituição está lidando com a pandemia; 5) Oferecer terapia aos estudantes dentro e fora do campus; 6) Deixar os estudantes confortáveis (WOOLSTON, 2020).

Em síntese, o acesso de mulheres ao ambiente universitário constitui uma pauta histórica pelo feminismo(s), uma vez que, [nós] mulheres enfrentam[os] distintas dificuldades quando ocupam esse espaço. Muitas das vezes, estas são reforçadas pelas desigualdades sociais proporcionadas pela conjuntura capitalista e da divisão sociosexual e racial. Tais impedimentos se intensificaram durante a pandemia da COVID-19, em específico para as mulheres universitárias, que tiveram que lidar com o ensino remoto emergencial e outros papéis desempenhados nas funções do care. Consideramos que tais tensões cada vez mais provocam agravamentos e, ou, aumento de necessidades em saúde mental, principalmente no ambiente universitário às mulheres. Reconhecer tal problemática, possibilita (re)pensar sobre o cotidiano do processo de ensino-aprendizagem desempenhado no âmbito universitário.

REFERÊNCIAS

ABEPSS, Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. **A Formação em Serviço Social e o Ensino Remoto Emergencial**. Brasília: ABEPSS, 2021.

ANTUNES, Ricardo. **Do desânimo à desolação. O laboratório e a experimentação do trabalho na pandemia do capital**. Le Monde. Diplomatique Brasil. Edição 155, 1 de junho de 2020. Disponível em: <<https://diplomatique.org.br/o-laboratorio-e-a-experimentacao-do-trabalho-na-pandemia-do-capital/>>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

ASLAM, Sulaimaan et al. Focussing on Homeless LGBTQ+ College Students During COVID-19. **J Adolesc Health**. 68 (5): 1020, 2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-33896545>>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

BARROSO, Hayeska Costa. GAMA, Mariah Sá Barreto. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. In: **Revista do Ceam**, Brasília, v. 6, n. 1, p.84-94, jan./jul. 2020.

BEHRING, Elaine Rossetti. **Brasil em Contra-Reforma: desestruturação do Estado e perda de direitos**. São Paulo, Cortez, 2003.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; ALVES, José Eustáquio Diniz. “A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XXI”. In: **Cadernos de Pesquisa**, v.39, n.136, p.125-156, jan./abr. 2009.

CARDOSO, Ane Caroline Cavalcante et al. Prevalence of common disorders among medical students during the COVID-19 pandemic. **Rev. bras. méd.** 46 (1): e006, 2022. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1360849>>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

CISNE, Mirla. **Feminismo e Consciência de Classe no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2018. (Capítulo 2 – p. 69 a 160).

CFESS. **Resolução CFESS Nº 383/99, de 29/03/1999. Caracteriza o assistente social como profissional da saúde**.

CFESS. **Hoje é o Dia Internacional de Luta das Mulheres. É no 8 de março, é todo dia: no Serviço Social na sociedade, as mulheres são maioria!**. 08 de Março de 2022. Disponível em: <<https://www.cfess.org.br/visualizar/noticia/cod/1878>>. Acesso em: 30 de Março de 2022.

DEUTSCHE WELLE. DW. **Bolsonaro diz que pessoas em isolamento são “idiotas”**. Política. Brasil. 17/05/2021. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/bolsonaro-diz-que-pessoas-que-cumprem-isolamento-s%C3%A3o-idiotas/a-57562018>>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

GODOI, Marcos et al. Educação física, saúde e multiculturalismo em tempos de covid-19: uma experiência no ensino médio. **Saúde e Sociedade** [online]. 2021, v. 30, n. 3 [Acessa-do 4 Abril 2022], e200888. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200888>>. Epub 02 Ago 2021. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200888>.

GOMES, Sheila Freitas et al. *Fake news* científicas: percepção, persuasão e Letramento. In: **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e20018, 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/bW5YKH7YdQ5yZwkJY5LjTts/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 30 de março de 2022.

GRATZ, Kim L et al. Suicidal ideation among university students during the COVID-19 pandemic: Identifying at-risk subgroups. **Psychiatry Res.** 302: 114034, 08/2021. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-34098158>>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **A questão social no capitalismo**. In: *Temporalis*, ano. 2, n.3 (jan/jul.2001). Brasília: ABEPSS, Graflin, 2001, 88p.

KIRÁLY, Orsolya et al. Preventing problematic internet use during the COVID-19 pandemic: Consensus Guidance. **Compr Psychiatry**. 2020, Jul. 100. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0010440X20300225?via%3Dihub>>. Acesso em: 18 de março de 2022.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 1ª edição. São Paulo. Expressão Popular, 2008. Pp. 1 – 67.

MARX, Karl. **A lei geral da acumulação capitalista** (capítulo 23). In: *O Capital: crítica da economia política*. Livro 1: O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2015, P. 835-958.

MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p. Informação para ação na Covid-19 series. ISBN: 978-65-5708-032-0. Disponível em : <<https://doi.org/10.7476/9786557080320>>. Acesso em: 20 de março de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. Pandemia exacerba desigualdades na Saúde. **Ciênc. Saúde Coletiva**: Rio de Janeiro, v. 25, n. 9, Pp. 3555-3556, setembro de 2020. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232020000903555&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de março de 2022.

MOREIRA, Wanderson Carneiro et al. Adoecimento mental na população geral e em profissionais de saúde durante a COVID-19: scoping review. **Revista Texto & Contexto Enfermagem**, Chamada Covid-19. 2020. P. 1 - 19. Disponível em: <<https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/689/1439>>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

MOREIRA, Wanderson Carneiro et al. Mental illness in the general population and health professionals during Covid-19: a scoping review. **Texto & contexto enferm**; 29 e, Jan. - Dec. 2020.

NETTO, José Paulo. **Cinco notas a propósito da questão social**. In: Temporalis, Brasília, n.3, 2001, p.41-49.

OKANO, Marcelo et al. **Impactos da pandemia Covid-19 em empresas de grande porte: avaliação das mudanças na infraestrutura de tecnologia para o teletrabalho sob as óticas das teorias das capacidades dinâmicas e estrutura adaptativa**. 2020. Disponível em: < <http://doi.org/10.33448/rsd-v9i9.7852>>. Acesso em: 27 de abril de 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS. **Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo**. 2 de Março de 2022. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

ROBERTS, Laura Weiss. Contributions and Sacrifices of Medical Students and Health Care Workers With Family Responsibilities Deserve Out Attention and Respect. **Academic Medicine: Journal of the Association of American Medical Colleges**. Sep. 2021, v. 96, Issue, 9. P. 1227-1228.

SALERNO, John P. et al. Changes in alcohol use since the onset of COVID-19 are associated with psychological distress among sexual and gender minority university students in the U.S. **Drug and Alcohol Dependence**. Volume 221, 1 April 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.drugalcdep.2021.108594>>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

Gênero e número. SOF. Sempre Viva Organização Feminista. **Pesquisa sem parar - o trabalho e a vida das mulheres na pandemia**. Brasil, 2020

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Boletim SER - Em tempos de COVID-19**, n.07. Departamento de Serviço Social, 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Mapeamento da situação de vida e condição para estudo das/os discentes na pandemia** - PPGPS/UnB. Brasília, DF: UNB, 2020.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Mapeamento da situação de vida e condição para estudo das/os discentes na pandemia** - PPGPS/UnB. Brasília, DF: UNB, 2021.

VILLEGAS-MAESTRE, José Daniel et al. Validade e confiabilidade de uma escala de depressão, ansiedade e estresse em estudantes de odontologia cubanos durante a pandemia de COVID-19. **SciELO Preprints**, 2021. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.3308. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3308>. Acesso em: 4 abril 2022.

WOOLSTON, Chris. Signs of depression and anxiety soar among US graduate students during pandemic. **Nature**. 585 (7823), 09, 2020. P. 147-148. Disponível em: <<https://www.nature.com/articles/d41586-020-02439-6>>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

ZIZEK, Slavoj. **Um golpe como “Kill Bill” no capitalismo**. Coronavírus e luta de classes. Editora: Terra sem Amos: Brasil, 2020. Pp. 43 – 48.